

A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA NA UFRN AVALIADA PELOS ALUNOS: UMA INVESTIGAÇÃO NA PERSPECTIVA HISTÓRICO- CULTURAL¹

Sterphany Lize da Silva Lima²
Maria da Apresentação Barreto³

RESUMO

A formação em psicologia iniciou-se no Rio Grande do Norte em 1976. Uma história tecida com responsabilidade e reconhecimento, mas ao mesmo tempo comprometida em rever seus processos a fim de responder a alguns desafios que a contemporaneidade impõe. A mudança na forma de acessar o Curso promoveu mudanças no perfil dos ingressantes. Esse estudo objetivou ampliar as lentes para esse novo cenário, bem como é oportuno num momento em que as Diretrizes Curriculares Nacionais que formam psicólogos estão sendo revistas. Fez-se uma avaliação do curso de Psicologia na UFRN junto aos alunos, almejando identificar pontos fortes, fracos e sugestões em relação à formação recebida. Trata-se de uma pesquisa exploratória, explicativa e de levantamento de dados. Na coleta de dados aplicou-se um instrumento no qual se pedia para elencar os pontos fortes e fracos da formação, bem como sugestões para sua melhoria. Os dados foram agrupados em categorias e discutidos à luz da Psicologia Histórico-Cultural. As sugestões incidiram em relação aos aspectos negativos. As categorias dos pontos fortes e fracos elencam dados avaliados positivamente, mas que também tem avaliação negativa. Uma contradição que expressa a concepção de unidade dos contrários própria do materialismo histórico-dialético. O processo de formação é portanto histórico, contraditório e esses contrários que se completam podem ajudar a constituir as transformações necessárias.

Palavras-chave: Formação em psicologia, Avaliação do Curso, Inclusão.

INTRODUÇÃO

A história da formação em psicologia foi iniciada no Estado do RN no ano de 1976. Historicamente o país vivia momentos de grande repressão e uma parcela de intelectuais se organizava profissionalmente inspirados pelo aporte teórico das ciências sociais que se propunha a compreender, explicar e enfrentar os desafios produzidos naquele contexto. Foi esse o cenário que engendrou a concepção do curso de psicologia que seria oferecido pela UFRN. Essa história completou quatro décadas e a trajetória dessa formação tem sido tecida com responsabilidade e reconhecimento. A concepção inicial já sofreu alterações, reformas já foram feitas, outras estão por vir.

1
Trabalho resultante de projeto de pesquisa de Iniciação Científica.

2
Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sterphanylize@gmail.com;

3 Orientadora: docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, apresentacao1@hotmail.com.

Inicialmente este estudo se propunha a investigar sobre a formação em psicologia nas Instituições de Ensino Superior para atuação na psicologia escolar no Estado do RN, visto que muito pouco tem sido investigado nesse campo. No entanto, após uma coleta de dados inicial percebemos a importância de refazer os caminhos da pesquisa. Assim, esse estudo levantou alguns indicadores sobre a formação oferecida no curso de psicologia da UFRN. A avaliação do curso foi feita pelos alunos do Campus Central através da aplicação de um questionário e objetivou identificar pontos fortes, fracos e sugestões em relação a formação recebida.

Inicialmente importa situar que, desde sua autorização, o ingresso dos alunos para cursar psicologia se fazia por meio do vestibular que selecionava os candidatos com as maiores notas para ingressar nas vagas disponibilizadas. Esse processo se manteve até 2012, e por vários anos, o Curso de Psicologia era avaliado como um dos mais concorridos. De 2013 em diante o ingresso tem sido feito, exclusivamente, através do Sistema de Seleção Unificada (SiSU) o qual toma por base os resultados que os candidatos às vagas no ensino superior obtém na prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Ao mesmo tempo em que fora alterada a forma de ingresso, por força de lei também se estabeleceu que 50% das vagas oferecidas por cada curso seriam destinadas a estudantes que tivessem cursado o ensino médio integralmente em escolas públicas, além de reservar vagas para estudantes autodeclarados pretos, pardos e indígenas (Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012). A mudança na forma de acessar o Curso de Psicologia promoveu uma mudança no perfil dos estudantes que, a partir de então, passaram a ingressar almejando formarem-se psicólogos.

Duas turmas de alunos já se formaram após essa alteração na forma de ingresso. Esse estudo objetiva ampliar as lentes para esse novo cenário, bem como se insere num momento em que a Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) que formam psicólogos estão sendo revistas.

A docência no Curso de Psicologia tem sido desafiada a explicar algumas contradições imbricadas nos processos formativos. Temos sido provocados a distanciar-nos dos modelos adaptativos e a comprometer-nos com a proposição de alternativas de formação, conforme já discutida por Souza (2009, p.182), ou seja, “comprometida com uma concepção política emancipatória”. Uma formação que se materialize em intervenções que possibilite a todos os alunos a apropriação dos conhecimentos científicos, em consonância com o pensamento de Saviani (1994). E, em acordo com o indicado por Leontiev (2004) quando trata sobre o desenvolvimento do psiquismo, que a formação do psicólogo favoreça os processos de humanização na medida em que permita a apropriação de conhecimentos científicos.

Num cenário em que o acesso ao Ensino Superior começa a permitir que alunos das escolas públicas, populações negras e indígenas, que compõe a massa de pessoas com uma série de lacunas na formação, possam sentar ao lado daqueles que tiveram outras possibilidades sobressaem alguns desafios. Como garantir que todos vão se apropriar do conhecimento e possibilidades que a vida universitária oferece? Que condições concretas vamos disponibilizar para que aconteça uma inclusão satisfatória? Como está sendo recebida essa formação? Como os alunos avaliam esse processo? O presente estudo talvez não responda a todas essas questões, mas é um começo que pode ser ampliado.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa caracterizada como exploratória e explicativa. Exploratória porque não temos estudos registrados sobre a avaliação que os discentes fazem do Curso de Psicologia da UFRN ou da formação recebida. E explicativa porque, em acordo com o referencial da psicologia histórico-cultural, o pesquisador se propõe a buscar as explicações que constituem a realidade estudada. Em acordo com Gil (2017), essa é uma característica das pesquisas explicativas.

Como forma de viabilizar a coleta dos dados, foi realizado um levantamento no período de setembro a novembro de 2018. Aplicou-se um instrumento no qual se pedia que elencasse os pontos fortes e os pontos fracos do Curso de Psicologia da UFRN, bem como que oferecesse sugestões para a sua melhoria.

Os participantes foram os alunos do segundo, terceiro e quarto ano do curso. A decisão de não incluir os alunos de primeiro ano deveu-se ao pouco tempo em que foram incluídos no contexto estudado. Os alunos do último ano não foram incluídos por estarem voltados apenas às atividades de estágio no momento da pesquisa, o que inviabiliza a reflexão sobre questões que dizem respeito ao momento atual vivenciado no curso. A investigação é recorte de uma pesquisa mais abrangente sobre a formação em psicologia e foi submetida e aprovada pelo comitê de ética com o protocolo de número 79092317.6.0000.5537.

Pela forma como os dados foram abordados o presente estudo é de natureza qualitativa, posto que buscou explicar os dados produzidos em acordo com Kripka, Scheller e Bonotto (2015) que realçam a importância do processo. Os dados foram discutidos em articulação com os referenciais teóricos da psicologia histórico-cultural, a qual tomou emprestado de Marx um método que permitisse construir uma base científica para estudar os fenômenos psíquicos a partir de uma visão de sujeito social e historicamente construído.

Santa e Baroni (2014) discutindo as raízes marxistas do pensamento de Vigotski evidenciam que Marx buscou construir um método filosoficamente fundamentado que possibilitasse analisar a realidade e criticar os problemas criados pelo capitalismo. Esse método tinha como esteio a produção das condições materiais de existência, portanto concebe que a sociedade se estrutura partindo de relações econômicas, situadas num tempo histórico e que se modifica dialeticamente, ou seja, pela interação permanente entre opostos.

Dáí tratar-se de um método materialista histórico-dialético. Uma vez que Vigotski compreendia o homem como ser histórico, ativo na construção de si e da sua história, o método proposto por Marx é uma ferramenta para auxiliar no desenvolvimento da sua teoria.

Após o levantamento dos dados, fez-se um agrupamento numa tabela e à luz da teoria que norteou o estudo, discutiu-se o processo da avaliação que os alunos fizeram da formação em psicologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apontam pontos fortes e fracos da formação em psicologia pela avaliação dos alunos, assim como trazem sugestões de melhoria. A partir das questões do instrumento foram elaboradas categorias, as respostas foram agrupadas gerando indicadores. A tabela abaixo relaciona categorias e indicadores:

Tabela 1 – Categorias e indicadores da pesquisa

Pontos fortes	Pontos Fracos	Sugestões
Formação crítica	Falta de prática	Comunicação
O curso	Componentes integrativos	Formação
Relação com professores	Conteúdos	Horários
Formação/Currículo	Professores/Ensino	Currículo
Foco na pesquisa/extensão	Carga horária	Componentes curriculares
	Desconsideração do contexto dos alunos	Componentes integrativos
		Condições de permanência

Fonte: Elaborada pela autora

A categoria “pontos fortes do curso de psicologia” gerou alguns indicadores: formação crítica, o curso, relação com professores, qualificação dos professores, formação/currículo e foco na pesquisa/extensão.

O indicador “formação crítica” aparece expressivamente nas respostas dos alunos. Nelas os respondentes falam a respeito do compromisso social para com a profissão, destacam o “Incentivo a uma formação crítica e compromissada”. Similar a esse indicador, há também o “formação/currículo”, onde os discentes destacam o fato do curso ser generalista e a diversidade de aprendizados que proporciona. No indicador “o curso” as respostas variam entre avaliações positivas da estrutura física e de organização da universidade, do centro e do departamento. A análise desses indicadores mostra que a formação avaliada pelos alunos é uma formação crítica, avaliada por Santos e Gamparim (2012) como uma tarefa que não é fácil, mas necessário para o desenvolvimento do aluno.

Já com relação aos indicadores “qualificação dos professores” e “relação com professores” os alunos falam sobre os processos de ensino e a abertura dos docentes para lidar com as individualidades e necessidades dos alunos. Esse aspecto demonstra um fator necessário no processo de ensino-aprendizagem: a afetividade. Emiliano e Tomás (2015) discutem a importância da mediação através da afetividade para a consolidação da aprendizagem. De acordo com os autores, quando há afetos positivos na relação professor-aluno ocorre uma mediação de qualidade (EMILIANO; TOMÁS, 2015).

O indicador “foco na pesquisa/extensão” demonstra a satisfação dos alunos com a forma que lhes são apresentadas as outras duas composições do tripé universitário: pesquisa e extensão.

Já da categoria “pontos fracos do curso de psicologia” emergiram 6 indicadores: falta de prática, componentes integrativos, conteúdos, professores/ensino, carga horária, desconsideração do contexto dos alunos.

O indicador “falta de prática” demonstra a insatisfação dos alunos com a reduzida quantidade de horas dedicadas às experiências prática de formação. Na perspectiva da Psicologia Histórico-cultural a relação teoria e prática é fundamental para que o processo educativo aconteça com sucesso. O que se experencia empiricamente por meio da prática pode ser acessado pelas funções psicológicas superiores, promovendo o desenvolvimento (ROCHA, 2013).

No indicador “componentes integrativos” os alunos alegam não encontrarem sentido na oferta de muitas disciplinas integrativas ao longo do curso. Ressalta-se aqui que a perspectiva de uma educação crítica requer uma superação da fragmentação entre áreas do saber. Os componentes integrativos tem o objetivo, de acordo com a ementa, de articular as disciplinas do semestre e dar fundamentação para uma atuação interdisciplinar. Devido às críticas feitas

pelos alunos ao componente, evidencia-se a importância de uma revisão no sentido de alinhar as práticas pedagógicas com a ementa da disciplina.

Em “conteúdos” os discentes tecem uma série de críticas aos conteúdos que são abordados e o foco que é dado em algumas áreas em detrimento de outras.

Já no que diz respeito ao indicador “professores/ensino” foram agrupadas as falas que dizem sobre as metodologias de ensino dos professores, assim como o desejo de maior variedade de áreas entre os docentes, e outras questões da relação professor-aluno.

O indicador “carga horária” é bastante expressivo e em geral, as respostas dizem respeito ao fato de que *“o horário e a carga horária excessiva que chega a ser desumano, quando une-se às atividades de ensino, pesquisa e extensão”* e *“Falta de um curso de psicologia no turno noturno para possibilidade de um maior contingente de graduandos trabalhadores”*. A carga horária excessiva se dá em virtude do curso ser integral, demandando dos alunos disponibilidade nos turnos matutino e vespertino para dar conta das horas que precisam cumprir além da carga horária de disciplinas obrigatória. Esse cenário dificulta e, muitas vezes, impossibilita que alunos permaneçam no curso enquanto trabalham.

Ainda nesse sentido, aparece o indicador “desconsideração do contexto dos alunos” indicador que expressa a necessidade de ter um olhar diferenciado para o novo contexto do ensino superior.

As sugestões dadas pelos respondentes do questionário também foram agrupadas em indicadores por nós intitulados: comunicação, formação, horários, currículo, componentes curriculares, componentes integrativos e condições de permanência.

No indicador “comunicação” os alunos manifestam a necessidade de serem informados a respeito das atividades de ensino, pesquisa e extensão promovidas pelo curso. Já no indicador “formação” os alunos sugerem melhorias na estrutura, metodologias e conteúdos do curso.

Em “horário” as respostas agrupadas sugerem que o curso seja ofertado em outro turno além do atual, assim como também sugere a entrada de duas turmas por ano. “Currículo” é o indicador em que as respostas se referem à revisão curricular do curso. “Componentes curriculares” agrupa respostas que tratam do aumento e diminuição de componentes curriculares de variadas temáticas.

O indicador “componentes integrativos” apresenta a necessidade de enxugar as disciplinas integrativas que são tidas como repetitivas. “condições de permanência” é o indicador que reúne as sugestões referentes à propostas que auxiliem o aluno a permanecer na universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chama atenção as referências feitas, mesmo que de modo indireto, às características do curso que inviabilizam ou dificultam a permanência daqueles estudantes que precisam trabalhar. Essa dificuldade expressa um dos pontos fracos contidos nas respostas: desconsideração do contexto dos alunos.

Além disso, a formação crítica é colocada de maneira expressiva como um ponto positivo do curso, no entanto, de acordo com as respostas da categoria “pontos fracos” o curso permanece elitista em sua estrutura. Devido a mudança do perfil do aluno nas Universidades Públicas Federais a partir da entrada pelo Sistema de Cotas, faz-se necessário uma mudança no currículo para que este seja mais adequado as demandas desse novo público das IES. Nesse ponto se expressa a contradição entre oferecer uma formação crítica com foco nas questões da realidade social, ao mesmo tempo em que o currículo é organizado de maneira a manter o *status quo* no que diz respeito ao caráter elitista do curso.

As categorias dos pontos fortes e fracos elencam dados avaliados positivamente, mas que também tem avaliação negativa. Por exemplo, a avaliação que os alunos fazem do currículo e conteúdos curriculares, que ora aparecem como ponto positivo, ora aparecem como ponto negativo. Essa contradição expressa a concepção de unidade dos contrários própria do materialismo histórico-dialético. O processo de formação é, portanto histórico, contraditório e esses contrários que se completam podem ajudar a constituir as transformações necessárias.

REFERÊNCIAS

EMILIANO, J. M.; TOMÁS, D. N. Vigotski: a relação entre afetividade, desenvolvimento e aprendizagem e suas implicações na prática docente. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro, ano 2015, v. 2, n. 1, p. 59-72, 2015. Disponível em: <http://unifafibe.com.br/revistasonline>. Acesso em: 2 out. 2019.

KRIPKA, R. M. L.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. de L. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. **Revista de investigaciones UNAD**, Bogotá, ano 2015, v. 14, n. 2, p. 55-73, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://hemeroteca.unad.edu.co>. Acesso em: 27 set. 2019.

LEONTIEV, A. O desenvolvimento do psiquismo. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2004

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2017.

ROCHA, J. R. M. da. **A relação teoria e prática à luz da psicologia histórico-cultural: um estudo no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.** 2013. Dissertação (Mestrado), Porto Velho, 2013. Disponível em: <http://www.ri.unir.br>. Acesso em: 27 set. 2019.

SANTA, F. D.; BARONI, V. As raízes marxistas do pensamento de vigotski: contribuições teóricas para a psicologia histórico-cultural. **Kínesis**, São Paulo, 2014, v. 6, n. 12, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br>. Acesso em: 27 set. 2019

SANTOS, N. de O. B.; GASPARIN, j. L. O trabalho educativo: contribuições da teoria histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. **Anais do Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**, Caxias do Sul, 2012.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 4. ed. Campinas: Cortez – Autores Associados, 1994.

SOUZA, M. P. R. de. Psicologia Escolar e Educacional em busca de novas perspectivas. **Psicol. esc. educ.**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 179-182, jun. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Acesso em: 27 set. 2019.